

ENTREVISTA / ELISA LUCINDA, POETA, ATRIZ E JORNALISTA

‘É uma estreia pra mim fazer um livro desse, como é uma estreia cada dia que eu subo no palco’

Divulgação



Multi-artista com mais de 20 livros publicados, Elisa Lucinda divide seu tempo com seus trabalhos nas artes cênicas e em artigos para jornais e revistas. Foi finalista do Prêmio São Paulo de Literatura em 2015, com o livro “Fernando Pessoa, o Cavaleiro de Nada”; e finalista no Prêmio Jabuti em 2022, com “Quem Me Leva Para Passear”. Pela coleção infantil “Amigo Oculto” ganhou o prêmio Altamente Recomendável da FNLIJ, a Fundação Nacional do Livro Infanto-Juvenil, em 2002.

Fundou, com Geovana Pires, o Instituto Casa Poema - que desenvolve projetos para popularizar e usar poesia como equipamento de cidadania. Em 2009, recebeu o Prêmio Bertha Lutz por sua obra em defesa do direito e valorização da mulher. Em 2020, ganhou o Prêmio Especial do Júri do Festival de Cinema de Gramado pelo conjunto da obra. Na Academia Brasileira de Cultura, ocupa a cadeira 41.

Nesta entrevista ao Correio, Elisa fala sobre seu livro mais recente e antecipa seus projetos futuros.

Como foi a escrita de “Encontro com a invenção”? O livro nasceu de parto normal ou a fórceps?

Elisa Lucinda - Olha, eu nunca tive um livro que nascesse a fórceps. Havia uma vontade de escrever mais e mais. Mas esse nasceu muito fácil. Nasceu, escrevi e esqueci: coisa rara. Escrevi em 2018 e guardei numa gaveta. Em 2023, quando estava indo para gravar a novela “Vai na fé”, a minha assistente na época, Sara Duarte, chegou e disse: “Elisa, olha o que achei aqui”. E veio com uma caixa de inéditos com alguns livros que ainda vou publicar. Uns quatro, já encadernados. Aí levei este para a Globo e fiquei lá, na sala de elenco, folheando. O Samuel Assis, meu amado irmão, começou a ler os poemas em voz alta. Depois chegou a Rosane Svartman e incentivou: ‘Isso dá um filme’. Fiquei tão impressionada com aquilo, que falei: ‘Gente, essa literatura aqui tá viva’. Naquele momento eu já estava me reaproximando da Pallas, e falei desse livro, a Cristina Warth ficou apaixonada por ele e rolou.

O Vitor existiu para além da ficção ou a sua realidade também é obra da ficção?

Vitor é uma obra de ficção e a sua realidade também é uma obra de ficção porque os amores são todos criados, né? Qual amor não criamos, né? Então eu gosto desse mix entre realidade e ficção que o Vitor parece ter.

Você conta que o formato do livro foi inspirado no “Romanceiro da Inconfidência”, de Cecília

Meireles. Além dela, quais autoras brasileiras dialogam com as suas criações?

O formato foi inspirado, sim, no “Romanceiro”, mas não uma inspiração direta. Só percebi com ele pronto. Isso é muito interessante. Notei que tinha feito um livro inteiro de poesias contando uma história só. Caramba, foi isso que a Cecília fez com a Inconfidência, contando essa história com versos. Fiquei muito feliz. Amo a Cecília, uma mulher revolucionária, apesar de branca, do

ponto de vista da cabeça anti-opressão - e que não parecia, porque ela não era clichê e fazia tudo com tanta delicadeza que a gente não percebia que ela tava hasteando sua bandeira de liberdade naquela época. Adélia Prado é outra mulher muito importante para a minha escrita. Depois vieram a Conceição de Evaristo e outras contemporâneas, mas, na minha formação, eram Cecília e Adélia quem estavam lá.

Com tantos papéis no teatro, cinema e TV, qual tipo de personagem ainda falta interpretar?

Quero interpretar uma mulher gostosa, bonita, maravilhosa, fatal, moderna, avançada, carismática e de mais de 60 anos. Isso eu quero. O audiovisual está atrasado nesse sentido.

A peça “Parem de Falar Mal da Rotina” está em cartaz desde 2002. Como você dá vida ao mesmo texto há tanto tempo?

É que não é mais o mesmo texto! Tanto que fiz a edição revisada do livro no ano passado. Estou sempre atualizando a peça. Quando começamos, por exemplo, nem existia a palavra ‘assédio’ como lei para nos proteger da importunação sexual e nem existia essa expressão. O mundo mudou muito nesses 22 anos, e eu vou atualizando as visões e os avanços sobre os temas. Criança, educação, escola, amor, racismo, todos esses são temas da estreia de cada dia. Tudo isso é tratado na peça. E eu provo isso estreado porque todo dia é uma estreia. “Encontro com a In-

venção” é o meu 21º livro, mas nunca fiz um livro como ele, é o meu livro mais pequenininho de tamanho, um preço ótimo, um livro democrático e que fala do amor que todos inventamos. Então, é uma estreia pra mim fazer um livro desse, como é uma estreia cada dia que eu subo no palco.

Vira e mexe, tem um livro novo da Elisa Lucinda nas livrarias. Escrever significa o que pra você?

Ai, que pergunta linda! Adoro que vira e mexe tem um livro novo da Elisa Lucinda nas livrarias porque adoro escrever. E o meu sonho é empatar. É publicar todos os livros que escrevo - porque estou sempre com vários livros novos aqui em casa. No momento, tenho mais quatro, além desse lançamento, sabe? Gosto muito de escrever e produzo muito. E o meu rigor, ele se resolve rápido, não é um rigor obsessivo. Não preciso fazer vinte mil revisões, embora goste de ler, ler, ler e achar erros novos, sabe? Ajeitar melhor um verso: adoro isso. Escrever, pra mim, é um modo de ver o mundo, pensar o mundo, produzir o mundo.

Quais são os planos para 2025, que já vai começar?

Bom, vou terminar o ano fazendo dois filmes e já começo 2025 trabalhando em outro. Tenho feito trabalhos com o Ministério Público do Trabalho de Recife e estou adorando falar sobre justiça. Vou fazer uma palestra no Supremo Tribunal Federal, olha que chique! Depois de lançar “Encontro com a Invenção” por algumas cidades, vou me mexer para lançar mais dois livros. Estou envolvida em uma série e tenho viagens internacionais em vista. Também fui convidada para atuar, ao lado da Prefeitura do Rio, em um projeto com quilombolas, com a Pequena África e professores, um projeto cheio de pernas, muito meu sonho de usar a palavra como equipamento de cidadania. Há muitos planos e, além disso, tem dois documentários em curso: um sobre a minha vida e outro sobre o meu trabalho com a poesia. Ai, que delícia esse país quando a democracia respira!